

O Traumático na Constituição do Psiquismo: as contribuições de W.R. Bion e Donald Meltzer

Virginia Ungar

Psicanalista, Membro titular da
Associação Psicanalítica de
Buenos Aires.

Escrever ou apresentar um texto sobre um tema que foi solicitado constitui um desafio interessante. Em primeiro lugar, obriga a pensar sobre um assunto que talvez não constitua o interesse do momento. No entanto, de outra parte, obriga a percorrer caminhos e, ao se chegar a um determinado ponto, surgem novas interrogações, aberturas para os terrenos teóricos a seguir.

Nesse sentido, agradeço à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) este convite, que me fez ler e reler textos que, como costuma acontecer, reve-

lam facetas ainda não percebidas.

Antes de abordar as contribuições de Bion e Meltzer, farei um breve percurso pelos autores que me interessaram pessoalmente em relação ao tema do “traumático”.

Aparentemente, todo trabalho psicanalítico deveria começar com uma referência a Freud, e não farei exceção desta vez. Entretanto, só o referirei para recordar que, no início, o conceito de trauma ocupou um lugar central na teoria freudiana, para, em seguida, em 1897, na famosa carta a Fliess, registrar sua célebre frase: “Já não creio mais em minha neurótica”.

Essa guinada na teoria promoveu uma mudança radical na concepção da relação entre a psique e a realidade externa. Na primeira teoria traumática da histeria, recordarão que postula dois tempos: o de início, infantil, que continha a realização de um fato concreto de índole sexual, sem significação como tal, porém com registro dos estímulos; e o segundo tempo, no qual uma situação que podia até ser banal atuava como desencadeante em um corpo capacitado para a genitalidade, atuando retroativamente sobre a situação inicial.

Com o abandono da teoria da sedução, gera-se uma nova estrutura teórica, produzindo conceitos básicos para a Psicanálise, como realidade psíquica, sexualidade infantil, profantasias, complexo de Édipo e inconsciente dinâmico, entre outros.

Essa mudança teórica provocou a relativização do conceito de trauma na obra freudiana, embora retomado nas concepções acerca da compulsão de repetição, em *Mais Além do Princípio do Prazer*, em *Moisés e o Monoteísmo* e, sem dúvida alguma, em suas histórias clínicas, das quais o célebre *Homem dos Lobos* revela-se paradigmático.

Na década de 1960, Jean Laplanche retoma a teoria do traumatismo para destacar que a teoria da sedução mostra que todo traumatismo vem ao mesmo tempo do exterior e do interior, é simultaneamente exógeno e endógeno. Diz Laplanche:

Do exterior, porque é *do outro* que chega a sexualidade ao sujeito; do interior, porque brota desse externo interiorizado, dessa ‘reminiscência’, da qual, segundo uma esplêndida fórmula, sofrem os histéricos, da qual já reconhecemos a fantasia.

Penso que essas contribuições são centrais, ao considerar o tema que nos ocupa hoje, que é o do papel do trauma na constituição subjetiva, dado que nos remete ao lugar do *Outro* na estruturação do psiquismo. Essa estrutura psíquica será sempre singular, e de sua constituição e modo de funcionamento dependerão seus possíveis futuros conflitos e sintomas.

Passemos agora à teoria kleiniana, antes de entrar nos avanços pós-kleinianos. Sabemos que Melanie Klein não outorga um lugar explícito ao trauma em sua teoria. De qualquer modo, penso que se possa tentar uma abordagem à questão, a partir da relação entre a realidade psíquica e o mundo externo.

Melanie Klein centraliza sua tarefa de construção da noção do mundo interno nos artigos sobre o luto, que culminam com o de 1940. A idéia de *realidade psíquica* freudiana adquire vida concreta nesse mundo povoado de objetos com existência, com vida própria, que podem personificar-se e até exteriorizar-se, por exemplo, na transferência analítica.

Em 1946, em seu artigo *Nota sobre Alguns Mecanismos Esquizóides*, Klein apresenta a posição esquizoparanóide e o mecanismo de Identificação Projetiva. Lembremos que Klein formula a Identificação Projetiva como um mecanismo e, ao mesmo tempo, como uma fantasia onipotente, em que partes não desejadas da personalidade e dos objetos internos podem ser dissociadas e projetadas nos objetos. Essa operação, descrita como de natureza agressiva e baseada em mecanismos anais, tem como consequência que as partes más e destrutivas do *self* tentam ferir, controlar e possuir o objeto.

De qualquer modo, seguindo-se atentamente o desenvolvimento da teoria kleiniana, é possível rastrear os antecedentes do mecanismo quase desde o início de suas publicações. Sua genial descoberta sobre a relação

do bebê com o interior do corpo da mãe, já presente em seu primeiro artigo sobre o Édipo precoce, de 1928, é certamente um antecedente crucial no desenvolvimento da noção de Identificação Projetiva. Para Melanie Klein, a criança estabelece uma relação inicial com o seio, representante do que é o mundo para ela, isto é, sua mãe. Diferentemente do Édipo freudiano, seus impulsos logo se dirigem para o interior do corpo da mãe, no qual, em sua fantasia, se encontra tudo o que é desejável: o leite, os excrementos, a urina, os bebês e o pênis do pai. Na etapa em que o bebê se dirige ao interior do corpo materno e se identifica com ele, Melanie Klein denomina-a de *fase feminina*. A relação com o interior do corpo materno, além de ser uma descoberta transcendental que inaugura a noção de espaços psíquicos, interioridade dos objetos e do *self*, proporciona o que se poderia chamar de cenário do conflito edípico – em realidade, o da fantasia inconsciente.

Posteriormente, em seu trabalho *On Identification* (1955), Melanie Klein inclui a noção de Identificação Projetiva relacionada à projeção de partes boas do *self* que, em consequência, se transforma em um mecanismo central para o estabelecimento das boas relações de objeto.

De minha parte, tenho pensado que, acompanhando-se com atenção o desenvolvimento da teoria kleiniana, a noção de Identificação Projetiva aparece em um momento em que se fazia necessária a articulação, dentro de uma teoria das relações objetais, com o objeto externo. Até esse momento, Klein concentrou-se em construir a noção de mundo interno. Isso não quer dizer, em absoluto, que não prestava atenção às relações do sujeito com o mundo externo. Para desmentir tal idéia, basta se ler qualquer dos exemplos clínicos que permeiam seus artigos; a questão está na prevalência que deu à realidade interna, ao seu peso, até tal ponto que, a partir de uma óptica kleiniana, a relação com o ambiente vai estar colorida e, ainda mais, determinada pelas qualidades das relações entre o *self* e os objetos no mundo interno.

Esse pode ser o ponto de partida da apresentação das idéias de Bion em relação ao traumático. Esse autor não dedica cláusula alguma específica de sua obra ao conceito de trauma, porém se refere à situação de *trauma*

bélico e suas conseqüências, sobretudo em sua autobiografia *O Longo Fim de Semana*, na qual relata suas experiências durante quatro anos como psiquiatra no corpo de tanques de guerra, na Segunda Guerra Mundial.

Também se refere ao trauma de nascimento, que considera uma experiência de travessia da cesura na passagem da vida intra-uterina para a vida pós-natal, e o faz principalmente em seu artigo *A Cesura*.

Creio que podemos encontrar um lugar no pensamento de Bion para a noção do traumático na estruturação psíquica, se considerarmos sua extensão do conceito kleiniano de Identificação Projetiva (IP). Na década de 1950, é Bion que amplia o espectro de ação do mecanismo de IP, ao lhe atribuir uma função essencial, qual seja, a da comunicação primitiva entre o bebê e a mãe.

Bion propõe um modelo segundo o qual, quando o bebê se sente angustiado por sentimentos e ansiedades que o ultrapassam, concebe a fantasia de poder evacuar esses estados de ânimo, “uma parte de sua psique”, diz Bion, na mãe (um seio bom), a qual, se for capaz de “conter” o projetado sem se perturbar demasiadamente, poderá “devolver” à criança esses sentimentos, de maneira que sejam mais aptos a poder manejá-los dentro dela. A esse mecanismo denominou *Identificação Projetiva realística*. Desse modelo abstrai a idéia de um *continente* (o objeto que recebe) e de um *conteúdo* (o projetado). A seguir, esclarece que o continente e o conteúdo são suscetíveis a serem impregnados de emoção e, se isso ocorrer, se dará o crescimento por meio da experiência.

Esse modelo apresentado por Bion que se refere à capacidade de *rêverie* ou ao devaneio da mãe parece-me crucial em relação ao tema do traumático na estruturação psíquica. No meu entender, enfatiza e amplia o valor do mecanismo de IP kleiniana, já que a partir dessas idéias não se pode pensar ser possível o desenvolvimento psíquico fora da relação com outro humano.

Temos de recordar que, para Bion, a mente constrói a si própria, por meio do processo de pensar acerca das experiências emocionais. Nessa concepção, a emoção é o centro do significado e a mente se desenvolve

alimentada pela verdade, na área das relações íntimas. Bion propõe uma nova teoria dos afetos e fala de amor, ódio e desejo de conhecer (L, H e K), em oposição à parte mentirosa da personalidade com -L, -H e -K.

A partir dessa perspectiva, a *função alfa* opera sobre os dados obtidos pela percepção e transforma *elementos beta*, inassimiláveis, em *elementos alfa*, uma espécie de ladrilhos dos *pensamentos oníricos*, bases para formar símbolos.

A mãe, nessa concepção bioniana, atua como primeiro amortizador do impacto do externo traumático. Se essa função for cumprida de maneira adequada, a mãe colocará à disposição do bebê sua própria *função alfa*, com a qual a criança mais adiante se poderá identificar e, assim, dar andamento ao seu próprio processo de pensamento.

É outro o curso dos fatos, se falhar a precoce *função rêverie*. Os intensos sentimentos de angústia, ao não poderem ser metabolizados, permanecerão na categoria do “terror sem nome”, na própria denominação de Bion. Com relação ao processo de formação de símbolos, podem apresentar-se perturbações em sua gênese, tal como apresenta Melanie Klein no caso Dick, até a destruição parcial ou total do aparelho simbólico, como postula Bion suceder-se na esquizofrenia.

Nesse ponto, podemos dar entrada às idéias de Donald Meltzer, autor psicanalítico que também pode ser enquadrado na linha pós-kleiniana. Lamentavelmente, faleceu em Oxford, na madrugada de 13 de agosto de 2004, às vésperas do seu 82º aniversário.

Não é este o momento de fazer um memorial, pois temos de nos concentrar no tema “trauma e estruturação psíquica”; gostaria, ao menos, de transmitir algo da impressão que deixou nas pessoas que o conheceram.

Ter mantido contato com Meltzer e sua obra de maneira constante provocou efeitos não só na maneira de pensar e trabalhar em Psicanálise, mas também na visão do mundo e da vida para os que foram seus seguidores – cremos que a palavra discípulos não seria do seu gosto.

Foi generoso na transmissão de suas idéias, ofereceu um estímulo permanente aos jovens analistas, estimulou para que, na tarefa analítica, se

realizasse um monitoramento contínuo sobre um tratamento, para se detectar se estava se mantendo em contato com o paciente – nos limites da relação transferência-contratransferência. Como analista, Meltzer teve sempre um compromisso total com seus pacientes, com uma incomparável capacidade para compreender e interpretar os estratos mais profundos do inconsciente. Mostrava uma capacidade de captação imediata, singular, aguda e precisa.

Foi muito modesto, talvez em excesso, ao dizer que não trouxe novas idéias à Psicanálise, mas sim que recorreu a seus antecessores, em uma linha Freud-Abraham-Klein-Bion, para pensá-los em termos de modelos.

É assim que Meltzer chama o modelo freudiano *neurofisiológico* ou *hidrostático*, já que Freud criou sua obra no clímax da ciência moderna, época em que a termodinâmica clássica, de processos reversíveis e em equilíbrio, constituía o paradigma científico.

No modelo kleiniano, privilegia-se a “geografia” da fantasia em termos de espaços na mente e nos objetos. Ao cindir-se e cindir seus objetos, um mundo de imagos que, com o desenvolvimento da teoria, se tornarão objetos internos e conformarão o “mundo interno”, a partir de 1934. Nesse modelo, o desenvolvimento mental parte de um caos inicial com predomínio do impulso de morte, que traz intensas ansiedades de aniquilamento, figuras superegóicas extremamente sádicas e defesas do Ego de igual teor.

Esse mundo interno tem uma realidade tão concreta como o externo; esses objetos que podem ser personificados amam, odeiam e sofrem. Com a evolução do desenvolvimento, o *self* manterá um vínculo de dependência de caráter introjetivo, que substitui o predomínio do uso da IP como mecanismo de defesa. Tal concepção motiva Meltzer a chamar *modelo teológico* da mente ao modelo kleiniano. Esse se baseia na idéia de que as pessoas têm algo como uma “religião”, na qual seus objetos internos cumprem o papel de “deuses”, com funções reguladoras no mundo interno.

Depois dos modelos *neurofisiológico* freudiano e *teológico* kleiniano, o terceiro modelo que Meltzer explora é o de **Bion**, ao qual denomina *epistemológico*, por ter relação com o conhecimento e o pensar.

A meu ver, um dos aportes fundamentais de Meltzer é o de nos ter ajudado a compreender melhor a obra de Bion, desde seus escritos, como o terceiro volume de *Desarrollos Kleinianos* ou seus livros escritos a partir de 1984, ano em que publica *Vida Onírica*, ou, de 1986, *La Metapsicología Ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*, ou, de 1988, *La Aprehensión de la Belleza*.

Esses três últimos livros podem ser tomados em conjunto, por meio de um conceito unificador: a emoção. Meltzer (seguindo Bion) localiza-a no centro do desenvolvimento humano e da psicanálise. O pensamento e a evolução têm a ver com dar significados às experiências emocionais que começam já no útero. Inclusive, o momento do parto é concebido não como uma situação predominantemente traumática, mas como uma experiência emocional à qual se deve dar um sentido, isto é, que requer ser pensada.

A noção meltzeriana de *conflicto estético* é que permite articular, de alguma maneira, a noção do traumático com o desenvolvimento psíquico prematuro, sem que isso tenha sido explicitado em sua obra. Para Meltzer, a saída ao mundo exterior é uma experiência impressionante que põe o bebê em contato com a beleza do mundo externo por intermédio de seu primeiro representante, a mãe, especialmente seu rosto, seus olhos e o seio. Esse primeiro encontro faz desenvolver-se o que Meltzer denominou *conflicto estético*, ao propor que o mesmo se produz entre o exterior visível e o interior misterioso do objeto presente, já que, ao ser opaca a mente da mãe para o bebê, este não pode ter certeza acerca da reciprocidade do amor. Recorrendo à poesia, a isso chamou “a agonia da dúvida”.

O enfoque psicanalítico da estética tem uma longa tradição. Seguramente todos conhecemos o interesse de Freud pelo tema da produção artística, tanto no terreno das motivações do criador como no efeito que a obra de arte produz no espectador. Basta mencionar obras como *A Interpretação dos Sonhos*, *A Gradiva de Jensen*, *O Moisés de Miguelângelo* ou *Uma Recordação Infantil de Leonardo da Vinci*. No entanto, talvez a obra que tenha maior relação específica com o tema de hoje seja *O Sinistro*, de 1919. Freud retoma aí um caminho de expansão do âmbito da Estética, já inicia-

da por Kant na *Crítica do Juízo*, em que se estendem os limites de uma estética baseada na Beleza como harmonia, proporção e limite. A partir dessa volta, o sentimento do Sublime pode ser despertado por objetos caóticos, sem forma, incomensuráveis e até infinitos (a visão do oceano, a tormenta, o deserto). O contato com a Beleza será um caminho para o sinistro, que sempre se mostra velado. Freud designa, nesse artigo, o sinistro *unheimlich* como aquela situação de estranheza que afeta as coisas familiares.

O Belo seria sempre essencialmente conflituoso, pois é máscara que sugere, que revela sem deixar de esconder. A Beleza é um véu através do qual se pode pressentir o caos. Para conseguir efeito estético, o sinistro deve estar oculto por um véu, sugerido.

Depois de Freud, autores de diferentes correntes psicanalíticas, tais como E. Jones, E. Kris, Ella Sharpe, Hanna Segal, Money Kyrle, Bion e Lacan, fizeram importantes aportes, que permitem avaliar que a psicanálise deu um lugar à questão estética.

A nota distintiva da contribuição de Meltzer localiza o problema em uma posição central na questão do desenvolvimento da mente. Por outro lado, sua proposta contrasta fortemente com os pressupostos filosóficos da Estética, em que esse tipo de experiência corresponde a um dos níveis mais elevados a serem alcançados.

Essas idéias sobre o desenvolvimento psíquico precoce têm sua base no trabalho com casos de processos analíticos de crianças autistas. Suas primeiras descobertas foram publicadas em 1975, no livro *Exploração do Autismo*, no qual, juntamente com um grupo de analistas de crianças e psicoterapeutas, estudaram-se esses casos durante dez anos. Descreveram suas descobertas de que essas crianças mostravam um fracasso na formação de um objeto que contivesse um espaço para ser usado para o desenvolvimento. A partir disso, Meltzer realiza uma conjectura imaginativa a respeito do desenvolvimento mental precoce, o que o leva a formular o *conflito estético*, mais de dez anos após o livro sobre o autismo, em *La Aprehensión de la Belleza*. Passamos a descrever sua proposta: nesta, o

encontro inicial, mítico, com o seio da mãe como representante da beleza do mundo, coloca, para começar, o bebê em uma situação de conflito. As emoções postas em jogo ante o impacto da beleza o ultrapassam e espantam. A essência do conflito estético é que não existe impacto da beleza sem conflito e esse se dá entre o exterior belo, que pode ser percebido, e o interior, que não é observável, é desconhecido, enigmático, misterioso, somente conjecturável, convertendo-se, daí em diante, em fonte atormentadora de toda ansiedade.

O poder que tem para provocar emocionalidade somente é igualado por sua capacidade de gerar dúvida, incerteza e desconfiança. É como se nesse instante se instalasse uma pergunta acerca de se esse interior seria tão belo como o exterior, que os órgãos dos sentidos captam. A partir daí, a opção para o desenvolvimento mental estaria dada pela possibilidade de tolerar essa pergunta sem resposta. Isto é, ser capaz de suportar a lenta construção da noção do mistério essencial do interior de outra pessoa, que comporta a idéia do mistério do mundo.

O conflito estético faz surgir uma combinação conflituosa de paixão e antipaixão, o que leva o autista, ao não poder tolerar a turbulência emocional, a desmantelar a integração da experiência emocional e assim se desmentalizar. Meltzer diz que a criança autista representa a tragédia do fracasso do espírito humano.

A criança autista, ao não tolerar esse conflito e ao desmantelar sua resposta emocional não concebendo um objeto com interior, não pode usar a IP para iniciar a seqüência de seu desenvolvimento. Recorre ao que Meltzer, seguindo E. Bick, chama *identificação adesiva*, e fica aderido à superfície do objeto, como suspenso dos atributos sensoriais.

Meltzer lida com um conceito de *verdade* que tem três componentes:

- a) a idéia de Bion acerca da verdade como alimento necessário à mente para se desenvolver;
- b) a idéia, que em si mesma já é estética, de que a verdade é enigma: é iminência de revelação, porém não é revelação.

Unindo essas duas idéias, poderia sustentar-se que a possibilidade de

desenvolvimento ou, nos termos de nosso tema, de estruturação do psiquismo se desdobra no terreno da capacidade de tolerar o enigma que considera o encontro com um objeto opaco, não-transparente;

c) o amor à verdade está ligado à capacidade de apreciar a beleza do objeto. Esse é o conceito de verdade que Meltzer traz, citando o poeta Keats, que havia dito que beleza e verdade se equiparam.

Considerando os três pontos anteriores, resulta então que a beleza implica o contato com a inacessibilidade do objeto estético. O paradigma estético consistiria assim em que *a verdade é beleza enquanto se tolere o enigma inapreensível e exista capacidade para suportá-la*.

Retomando as idéias a respeito da estruturação psíquica, como vimos, Meltzer pensa nos momentos inaugurais como conflituosos, inquietantes. O bebê não tem certeza sobre o amor da mãe e, para superar esse momento conflituoso, deve contar com que nela se desenvolva um conflito paralelo, ao qual Meltzer chama *reciprocidade estética*.

Diz de uma maneira muito sensível que, para a mamãe, a essência de seu bebê também lhe é desconhecida. Fala-nos de que o bebê tem uma “bebetude” que se converte em enigma e mistério para ela.

Conclusões

Tive por intenção trazer-lhes as idéias da escola inglesa e, principalmente, a dos autores pós-kleinianos. Como síntese, diria que mesmo quando Klein não tomou a situação traumática de maneira explícita, em termos do desenvolvimento, vemos, nos casos clínicos que apresenta, um olhar aguçado sobre a realidade externa do paciente.

De qualquer forma, como já disse ao iniciar, ela estava muito centrada, na primeira parte de suas obras até 1934, na construção da noção de mundo interno, que culmina com sua postulação do processo de luto e com o surgimento do objeto interno bom, núcleo do Eu.

Também insisti em que postulou o mecanismo de IP em 1946 e, no meu entender, o fez ao necessitar articular, em sua teoria, a relação do sujeito com o mundo externo. Para ela, esse mecanismo é patológico, basea-

O TRAUMÁTICO NA CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO:
AS CONTRIBUIÇÕES DE W.R. BION E DONALD MELTZER

do em mecanismos anais e na necessidade do aparelho psíquico de evacuar parte das emoções do *self* e dos objetos internos.

Bion segue esse caminho ao apresentar o mecanismo de IP de maneira realística, como o modo primitivo de comunicação de um bebê com sua mãe, e a função *rêverie* como necessária para uma estruturação psíquica na linha do que poderia se pensar como *normalidade*.

Meltzer postula o nascimento da psique como um momento mítico de encontro do bebê com sua mãe, representante da beleza do mundo, instante no qual entra em um conflito que denomina *estético*. Daí em diante, o desenvolvimento vai consistir em se recuperar desse conflito.

Ensaio

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Tradução: Maria Regina Lucena Borges
Revisão: Maria Lucia Meregalli

Dra. Virginia Ungar
Billinghurst 2533 3º
1425 Buenos Aires – Argentina
E-mail: virgungar@fibertel.com.ar